

ASSOCIATIVISMO E LEGIONARISMO: DIÁLOGOS ENTRE OPERÁRIOS E A LEGIÃO CEARENSE DO TRABALHO NOS ANOS 1930

Eduardo Oliveira Parente*

Resumo:

Durante os anos 1930 vários sindicatos foram fundados ou reorganizados em Fortaleza, o que representou um momento de ascenso da classe trabalhadora. Esse impulso associativo foi fomentado tanto pelo contexto nacional (com a criação do Ministério do Trabalho e a promessa de novos direitos para os trabalhadores) quanto pela situação local, com a criação da *Legião Cearense do Trabalho*. A LCT teve como idealizador e primeiro líder o tenente Severino Sombra, cujas ideias fundamentais se baseavam nos princípios da doutrina social católica (conforme a orientação das Encíclicas *Rerum Novarum* e *Quadragesimo Anno*). Muitas associações estabeleceram uma aproximação mais ou menos estreita com o legionarismo. Essa relação, vale enfatizar, deve ser entendida como uma via de mão dupla: se as lideranças da LCT pretendiam guiar e tutelar os trabalhadores, esses souberam se articular e, em vários momentos, levar adiante seus interesses, aproveitando-se da estrutura, apoio e força da *Legião*. Essa aproximação deve ser entendida, portanto, como um diálogo, no qual eles foram sendo construídos, ideias e práticas circulavam e determinadas linhas do programa legionário foram sendo redesenhadas, abandonadas ou fortalecidas, conforme a dinâmica das lutas sociais. As lideranças da LCT, para se credenciar como representantes de boa parte dos trabalhadores de Fortaleza, tiveram que dialogar com a cultura operária e atuar decididamente em defesa dos interesses dos trabalhadores em várias ocasiões, chegando a entrar em choque com os interesses da classe patronal. Esse diálogo pode ser acompanhado, por exemplo, através das atas de algumas associações, como o *Sindicato dos Operários da Fábrica Santa Maria*, na qual percebemos a importância do auxílio da LCT para a organização inicial dessa associação. Da mesma forma percebemos a participação legionária em vários episódios grevistas, como entre os padeiros, os portuários e os trabalhadores da *Light*.

Palavras-chave: associativismo, trabalhadores, legionarismo.

Abstract:

During the 1930s several unions were founded or reorganized in Fortaleza, which represented a moment of ascent of the working class. This associative impulse was fostered both by the national context (with the creation of the Ministry of Labor and the promise of new rights for workers) and by the local situation, with the creation of the Legion of Labor. LCT had Lieutenant Severino Sombra as the founder and first leader, whose fundamental ideas were based on the principles of Catholic social doctrine (in accordance with the encyclical *Rerum Novarum* and *Forty-Annos*). Many associations have established a more or less close approximation with legionism. This relationship, it should be emphasized, must be understood as a two-way street: if the leaders of the LCT intended to guide and protect the workers, they were able to articulate and, at various moments, carry out their

* Doutorando em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

interests, taking advantage of the structure, support And strength of the Legion. This approach must therefore be understood as a dialogue in which links were being built, ideas and practices circulated and certain lines of the legionary program were being redesigned, abandoned or strengthened, according to the dynamics of social struggles. The leaders of the LCT, in order to be accredited as representatives of a large number of the workers of Fortaleza, had to dialogue with the workers' culture and to act decisively in defense of the workers' interests on several occasions, even clashed with the interests of the bosses' class. This dialogue can be followed, for example, by the minutes of some associations, such as the Workers' Union of the Santa Maria Factory, in which we perceive the importance of the LCT aid for the initial organization of this association. In the same way we perceive the legionary participation in several striking episodes, as between the bakers, the port workers and the workers of Light.

Palavras-chave: Associativism, workers, legionarism

I

Idealizada e constituída em 1931, a *Legião Cearense do Trabalho* se tornou uma poderosa organização de trabalhadores, congregando dezenas de associações dos mais variados matizes em todo o estado, especialmente em Fortaleza. Seu fundador e primeiro líder, tenente Severino Sombra, referindo-se ao expressivo crescimento da LCT, disse: “Se eu a concebi e a tornei uma realidade, *ela não se concretizaria se eu não encontrasse um ambiente preparado para ouvir-me e compreender-me (...)* E se todos se admiram como esta ‘Legião’ pode organizar-se tão depressa, *o mais maravilhado sou eu...*” (SOMBRA, 1931: 61, grifo nosso).

Um leque extremamente diversificado de categorias profissionais adere ao legionarismo: sapateiros, ferroviários, carregadores, tecelões, gráficos, padeiros, operários da *Light*, domésticas, chauffeurs, pescadores, trabalhadores do porto, etc. Em termos organizativos a variedade é também muito significativa: temos associações beneficentes, sindicatos de fábrica e de ofício, circulistas, associações de bairro, etc.¹ O movimento legionário alcança grandes dimensões nos anos iniciais da década de 1930, contabilizando mais de 60 associações federadas.² O conagraçamento de tantas associações se mostrou animador. Como foi possível articular um universo tão diversificado de categorias?

¹ Podemos afirmar que existem muitas (e por vezes conflitantes) tradições organizativas e formatos associativos na cidade de Fortaleza – como de resto em qualquer outra localidade do país. (BATALHA, 2000).

² Almanaque do Ceará – *estatístico, administrativo, mercantil, industrial e literário, para o ano de 1933*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1932.

Na gênese da LCT duas linhas de força foram centrais: a cultura operária – materializada em práticas e tradições nas diversas categorias de trabalhadores – e a doutrina do catolicismo social, sistematizadas nas diversas encíclicas divulgadas pela Igreja.

A doutrina social católica estava claramente expressa na *Encíclica Rerum Novarum* (1891), divulgada em um contexto de agudização dos conflitos de classe (notadamente na Europa) e de crescimento do Socialismo. Em 1931, quarenta anos depois, é divulgada a *Encíclica Quadragésimo Anno*, atualizando e reafirmando os princípios sociais católicos em novo contexto.³

Entendemos que para muitos jovens católicos leigos, a atualização das orientações eclesiais, com essa nova encíclica, foi como um chamado para criar, renovar e/ou fortalecer as formas de inserção e organização na sociedade civil. O pensamento social católico pode ser entendido como um grande manancial no qual muitos atores sociais buscaram inspiração, orientação, palavras de ordem, conceitos centrais, uma visão de mundo articulada com preceitos de intervenção social. Esse é o caso do jovem tenente Severino Sombra que após contatos com grupos e instituições já estabelecidas na capital cearense⁴ se lança em uma tentativa de arregimentar associações de trabalhadores para a constituição da *Legião Cearense do Trabalho*.

A *Legião* era uma organização hierarquizada, com uma chefia que, supostamente, concentrava grandes poderes e seria portadora de uma mística capaz de agitar e eletrizar “as massas”. Essa visão, em parte reproduzida na análise historiográfica, caudatária dos modelos inspiradores do fascismo, tem seu peso, mas não é determinante. A organização legionária não era exatamente como um sistema solar no qual o líder seria como uma estrela esbanjando luz e calor sobre um conjunto de astros que orbitariam ao seu redor, sem luz própria e prisioneiros de sua força gravitacional. A LCT, vista de forma mais detida, parece ser mais dinâmica e plural do que se imaginou.

Ao longo de sua existência, a *Legião* formulou um projeto social amplo, mas esse projeto só pode ser entendido, e só ganha importância, ao articular demandas próprias do mundo do trabalho e incorporar práticas e representações, bem como estratégias, longamente construídas pela classe operária.

³ A Primeira Grande Guerra (1914 – 1918), a Revolução na Rússia (1917), a tentativa de Revolução na Alemanha (1919), a ascensão do Fascismo na Itália (1922), a grande crise de 1929, etc., são fatores que, no plano europeu, se relacionam a impressionantes mudanças políticas, sociais, econômicas e culturais, fonte de preocupação para a instituição eclesial.

⁴ *Juventude Operária Católica*, organizada pelo padre Helder Câmara, por exemplo.

Estamos falando, portanto, de sujeitos – os trabalhadores – portadores de uma ampla bagagem cultural, acumulada em longas experiências. A *Legião*, portanto, busca influir, moldar, transformar essa variedade e diversidade em algo novo, seguindo seu projeto social. Mas essa prática é relacional, não acontece em via única. Edward Thompson já destacava a ação consciente dos trabalhadores no seu fazer-se (THOMPSON, 1987). A *Legião*, portanto, também vai sendo moldada e até direcionada pelos trabalhadores. E o cotidiano das organizações operárias não se resume aos contatos com a LCT, mas apresentam dinâmica própria.

Em sua reflexão sobre os estudos que tratam da cultura das classes subalternas, Carlo Ginzburg questiona tanto a visão que trata a cultura popular como um “mundo” autônomo, quanto à sugestão de que as ideias são produzidas exclusivamente pelas classes superiores, sendo “recebidas” passivamente ou “deformadas” pelas “classes inferiores”, questionando, também, as pesquisas que se ativeram, somente, ao estudo da “cultura imposta às classes populares”. Para Ginzburg, mais interessante seria pensar em uma *circularidade da cultura*, na qual as práticas e ideias são criadas ou transformadas em uma “influência recíproca entre a cultura das classes subalternas e a cultura dominante” (GINZBURG, 1987: 15 – 31).

II

O legionarismo, tal qual pensado e idealizado pelo seu líder e fundador, tinha, está claro, um princípio ou intuito de tutela, de feição *paternalista*: “Nós precisamos sobretudo defender o trabalho”, escreveu Severino Sombra no opúsculo intitulado *O Ideal Legionário*, “Defende-lo do liberalismo econômico que, reconhecido ou ignorado, regula atualmente as relações com o capital. Defende-lo do comunismo que, parecendo exaltá-lo, rebaixa-o realmente a uma condição servil anti-humana” (SOMBRA, 1931: 09). Apresentava-se, portanto, como uma terceira via. As críticas tanto ao liberalismo quanto ao comunismo seriam constantes nas falas e nos escritos produzidos. Contudo, vale destacar que no contato com os agrupamentos operários o programa legionário se tornaria mais amplo.

Sugerimos que a *Legião*, para se credenciar enquanto liderança de parcela significativa da classe operária, precisou incorporar práticas construídas pelos grupos de trabalhadores ao longo de muito tempo. Podemos pensar que boa parte dos elementos constitutivos do legionarismo fazia parte da cultura produzida pela classe trabalhadora, não

sendo um produto exclusivo das lideranças da LCT. Da mesma forma, o intuito de tutela, pretendido pelas lideranças, poderia ser “instrumentalizado” pelos trabalhadores, que cobravam apoio para suas demandas e determinação na defesa real de seus direitos e interesses⁵.

Uma vez que os sindicatos eram vistos como células fundamentais de uma ampla reforma social, eram nesses espaços que seriam, prioritariamente, estabelecidos os vínculos entre a organização legionária e os grupos operários⁶. Tais vínculos eram constantemente reafirmados e fortalecidos com a montagem de uma escala de visitas: aos domingos, representantes legionários visitavam as associações. Propagar as ideias do legionarismo no seio associativo, alcançar a mente e os corações da audiência operária, seria o objetivo dos visitantes. Para os operários era uma oportunidade de reafirmar suas próprias demandas, expor a situação vivida na experiência de trabalho, as dificuldades cotidianas e, eventualmente, cobrar apoio para as lutas coletivas. Quando a presença era do Chefe Legionário esse momento era ainda mais propício e significativo.

Em visita ao *Sindicato dos Operários da Estrada de Ferro de Baturité* longe dos operários, simplesmente, ouvirem a “palavra” do líder, foi o líder que ouviu a situação e as reclamações operárias. Eusébio Mota, após agradecer a presença do Chefe da Legião, enfatiza que “era preciso mesmo que ele chegasse até nós para ouvir de viva voz quaes são as necessidades mais prementes dos trabalhadores desta casa.” O orador desfia uma série de questões, tais como o problema dos acidentes de trabalho, “o maior flagelo dos trabalhadores”, reclamando a pouca atenção do Governo para com os operários do setor, destacando a expectativa de que “na nova constituinte a questão social seja tratada com o devido respeito”.⁷ A intervenção do governo federal na regulação das relações de trabalho gerou expectativas quanto à execução prática das leis decretadas.⁸ A *Legião*, pela sua força e expressividade social e política, era vista como potencial mediadora.

⁵ Thompson demonstrou que o *paternalismo*, visto de cima, apresenta uma visão de harmonia social e deferência dos subordinados em relação aos líderes e autoridades; visto de baixo, por outro lado, ele poderia ser, enquanto retórica, utilizado pelos trabalhadores para obter vitórias, mesmo que pontuais. THOMPSON, 1998).

⁶ Conforme o Programa Legionário, as adesões a LCT deveriam ser feitas pelos sindicatos, contando com no mínimo 30 membros, após Assembleia deliberativa da categoria.

⁷ “A visita do Chefe da Legião ao Sindicato dos Operários da Estrada de Ferro de Baturité”. O Legionário, 06/05/1933, ano I, nº 10, p. 04.

⁸ John French analisou as perspectivas dos trabalhadores ante à legislação trabalhista percebendo posturas ambivalentes: ceticismo ou descrença, quanto à sua aplicabilidade real; esperança e idealização, quanto à montagem de justos padrões nas relações de trabalho; e até descrédito ou hostilidade às instituições governamentais, combinando-se a estratégia de pressão através da luta coletiva e dos meios legais. (FRENCH, 2001).

A *Legião* propunha a ideia da *colaboração de classes* como alternativa para a *luta de classes*.⁹ A expectativa era de que através de amplo quadro de reformas sociais, políticas e culturais fosse possível a solução dos problemas sociais, a eliminação dos conflitos e a edificação de uma nova sociedade:

Em matéria de legislação social damos tudo quanto for necessário ao bem estar e à felicidade dos que trabalham: o direito de livre associação, o sindicato portanto base orgânica do Estado Corporativo; contractos collectivos, salario vital, caixas de socorro, assistência médica, hospitalar e judiciária, escola operária, ensino profissional, villas operárias, enfim tudo quanto for necessário para a relativa felicidade de todos. Numa palavra: pelo Estado nacional-sindicalista resolveremos a questão social.¹⁰

Percebemos a incorporação de demandas que faziam parte do universo de reivindicações operárias. Dialogando com os trabalhadores e percebendo o foco do momento, a *Legião* colocava como central a consolidação prática das leis sociais benéficas ao operariado, percebendo o papel ativo das organizações de classe na construção dos direitos.¹¹ Vale salientar que a ação grevista é aceita como uma arma legítima dos trabalhadores para fazer valer seus direitos, desde que “dentro da ordem e jamais com caráter violento”.¹² Em algumas ocasiões, essa arma seria utilizada.

As adesões à LCT, contudo, não eram livres de tensões ou desconfianças, mesmo em se tratando de movimentos com afinidades ideológicas. O *Círculo de Trabalhadores Católicos São José*, implantado pioneiramente em 1915 (em Fortaleza) só admitiu participar da *Legião* após um “Acordo” firmado entre a Chefia Legionária e a direção circulista¹³. A principal divergência seria em relação à greve enquanto instrumento de luta por mudanças sociais (LIMA, 2009). Excluir a greve poderia ter agradado com mais facilidade a hierarquia católica e facilitado a adesão dos grupos circulistas desde cedo, mas teria dificultado a aproximação com outras categorias – que provavelmente não cogitavam, nem pretendiam, abandonar o instrumento da greve como forma de luta. Temos assim um elemento de constante negociação no relacionamento entre a LCT e as múltiplas categorias operárias, que possuíam tradições próprias de organização e até divergências entre si.

⁹ Semelhante, portanto, ao que era proposto pelo Ministério do Trabalho criado pelo Governo Vargas na Lei de Sindicalização de 1931. No entanto, foram constantes as divergências entre a proposta corporativa varguista e a proposta do corporativismo legionário.

¹⁰ O *Legionário*, 11/03/1933, Ano I, nº 2, p. 02.

¹¹ “*Organização Legionária*”. O *Legionário*, 25/03/1933, ano I, nº 04, p. 03.

¹² “*Organização Legionária*”. O *Legionário*, 11/03/1933, ano I, nº 02, p. 05.

¹³ *Ofício s/nº. Termos do acordo firmado entre o Círculo São José e a LCT assinado por D. Manoel*, 09 de dezembro de 1932.

III

Em sua edição de 11 de março de 1933 *O Legionário* afirmava ter causado “sensação nos meios operários” sua nota anunciando a realização de “um inquérito nos estabelecimentos industriaes”. Mais que um instrumento de propaganda, o inquérito era percebido pelos seus idealizadores como uma necessidade: “defender” o trabalhador implica conhecer sua situação, vasculhar os ambientes de trabalho, localizar dificuldades, denunciar irregularidades e batalhar por melhorias. Para os trabalhadores era uma oportunidade: uma excelente ocasião para apresentar, publicamente, a condição da fábrica na qual trabalha e, principalmente, expressar suas queixas, suas reclamações. A expectativa era baseada na ideia de que fosse possível uma mudança, em especial no cumprimento da legislação trabalhista:

Como sabemos, há uma série de Leis sancionadas pelo Governo Provisório, e que, no entanto, não são respeitadas, constituindo isso motivo de revolta para a classe proletária.

São injustiças contra as quaes nos levantamos, combatendo-as destemerosamente.

O nosso inquérito será o relatório que a Legião há de apresentar ao sr. Ministro do Trabalho, na pessoa do seu representante no Ceará.¹⁴

Frente à investida legionária as reações patronais são variadas – pois a classe proprietária não pode ser considerada de forma homogênea. Alguns industriais abrem as portas para a *Legião* realizar seu inquérito. Outros vetam completamente a entrada. Na *Fábrica Santo Antonio*, de José Diogo, o clima ficou áspero. O proprietário, quando indagado se permitiria a visita, teria respondido: “De *boa vontade* não. Nas MINHAS Fábricas não consinto. Sou o DONO (...) O Sr. pode visitar o Sindicato, a Fábrica não”¹⁵. Devemos ter em mente que os espaços das fábricas e oficinas são, historicamente, redutos da plena autoridade patronal. Da porta da fábrica para dentro, o patrão é o “DONO”, sua vontade é lei, seu arbítrio é inquestionável. Por vezes, ciosos de seu domínio, os capitalistas industriais consideram que a organização interna dos estabelecimentos seria um tema particular, privativo, quase como um prolongamento do seu próprio “eu”. A entrada de uma organização poderia significar uma ameaça, uma violação ao ser poder supostamente incontestável.

¹⁴ “*O nosso inquérito nos estabelecimentos industriaes*”. *O Legionário*, 11/03/1933, ano I, nº 02, p. 02.

¹⁵ “*Inquérito nos estabelecimentos industriaes*”. *O Legionário*, 25/03/1933, ano I, nº 4, p. 04. (grifos e destaques no original)

Como assinalou Antoine Prost, “para a mentalidade da época, o patrão ou é um paternalista ou é um explorador cínico e feroz” (PROST, 2009, p. 40 - 41). Nas páginas do periódico, os patrões que franquearam a entrada dos representantes legionários são bem-vistos, apresentados como “amigos dos operários”. Aqueles impedem o exame das condições internas são considerados exploradores. A imagem de um patrão que ‘auxilia’ seus trabalhadores muito agradaria os industriais. No entanto, basta que algumas irregularidades e queixas sejam expostas para o clima azedar:

Os proprietários da ‘Fabrica Progresso’ que eram considerados como amigos dos operários, após a nossa visita aqulle estabelecimento industrial, naturalmente porque vehiculamos algumas irregularidades que constatamos, estão demonstrando má vontade para com os seus servidores.¹⁶

Um levantamento preliminar permite identificar os seguintes estabelecimentos: “*Fábrica Progresso*”, de Thomaz Pompeu de Sousa Brasil; “*Curtume Cearense*”, de Francisco Lorda; “*Fábrica Santa Maria*”, de Manoel J. de Lima; “*Fábrica Baturité*”, de José Pinto do Carmo, “*Fábrica São José*”, de Pedro Philomeno Gomes; “*Fábrica Santo Antônio*”, “*Ceará Industrial*” e “*Fábrica Santa Elisa*”, (pertencentes ao grupo “*Siqueira e filhos*”¹⁷); “*Usina Ceará*” (tendo como sócios o grupo “*Siqueira e filhos*” e membros da família Gurgel). Também foram averiguadas as oficinas da RVC e algumas padarias, em Fortaleza.

No momento em que a *Legião* apoia e utiliza “meios enérgicos” para batalhar por melhorias a situação é tensionada, o discurso de colaboração é posto à prova. A mediação da LCT nos conflitos causa estranheza ou aberta resistência, especialmente devido às reivindicações. Em 1932, por exemplo, durante a greve na companhia inglesa *Ceará Light*, a empresa, em ofício, considera que as reivindicações formuladas pelo sindicato operário e pela *Legião* implicariam em uma “inversão das normas regulares da hierarquia funcional”.¹⁸ A dificuldade para se conciliar os múltiplos interesses em disputa ganha destaque à medida que a *Legião* entra no foco do conflito social:

É interessante a *attitude de alguns capitalistas combatendo, sistematicamente, o ideal legionário.*

¹⁶“*O que vae pela ‘Fabrica Progresso’*”. O Legionário, 01/04/1933, ano I, nº 5, p.03.

¹⁷ Administradas, respectivamente, pelos irmãos José Diogo, Francisco Diogo e Antônio Diogo.

¹⁸“*Ofício datado de 23 de fevereiro de 1932*”. Correio do Ceará, 26 e 27 de março de 1932, p. 01. Analisamos essa greve no terceiro capítulo da nossa dissertação de mestrado. Conferir: *Operários em Movimento: a trajetória de luta dos trabalhadores da Ceará Light (1917 – 1932)*. Dissertação de Mestrado. UFC – Departamento de História / Mestrado em História Social. 2008.

Não compreendo como esses senhores dizem não querer o comunismo e no momento em que sentimos os horizontes turvados na hora mais crítica que atravessa a nacionalidade, eles permaneceram indiferentes a tudo.¹⁹

Nas palavras de um líder operário em suas memórias: “O nosso órgão oficial, o jornal ‘Legionário’, era lido e temido pelos patrões desonestos que o compravam para saberem em que pé andavam as cousas”. (ALENCAR, 1965: 42). Se existiam os “patrões desonestos” (que devem ser aqueles que maltratam os trabalhadores, que não dialogam e não cumprem as leis trabalhistas) devem existir os outros, os que apresentam uma postura mais justa. De certa forma, os patrões são, assim, categorizados em dois grupos.

O periódico *O Legionário*, editado entre 1933 e 1934, é uma fonte de grande importância para a pesquisa. O jornal surge como um meio de intervenção na vida social (LUCA, 2008) e, como era de se esperar, é instrumento de divulgação do programa e da atuação legionária em diversas conjunturas. A prática de se editar um periódico não é nova entre as classes trabalhadoras. Diferentes grupos, em variados momentos, produziram materiais impressos como textos, panfletos e, com grande importância, jornais de periodicidade e duração variável. *O Legionário*, enquanto órgão da LCT, se inscreve, de certa forma, nessa longa tradição e, como tal, abre espaço para discutir a condição de diversas categorias operárias, divulgar informações sobre as associações, tratar da dinâmica das lutas coletivas, apresentando-se como uma rica fonte de informação sobre o mundo do trabalho em Fortaleza, podendo ser estudado enquanto fonte/objeto/memória, conforme sugestão teórica e metodológica de Adelaide Gonçalves. (GONÇALVES, 2001). No debate político, nos inquéritos e discussões sobre a condição operária e até mesmo nos textos programáticos, percebemos elementos sobre a cultura e modo de vida das classes trabalhadoras, a dinâmica das associações, as expectativas, os momentos de tensão e, principalmente, o diálogo de projetos²⁰.

A historiografia tem tratado com grande atenção as múltiplas relações e conflitos estabelecidos a partir da montagem da estrutura do corporativismo estatal. (GOMES, 2002.) Cumprе problematizar as relações da *Legião* quanto à conformação do sindicalismo oficial e implantação dos órgãos e instituições ligadas ao mundo do trabalho. A LCT se

¹⁹ “Definam-se srs. capitalistas”. *O Legionário*, 01/05/1933, ano I, nº09, p. 07. (grifo nosso)

²⁰ Metodologicamente é preciso uma análise cuidadosa, pois, como sabemos, são as lideranças da LCT que efetivamente escrevem nesse periódico, então, em primeiro lugar, está exposta a sua visão e apreciação dos acontecimentos e suas proposições. O mesmo se dá em termos políticos, por exemplo, com a adesão ao Integralismo e menções elogiosas – e inspiradas – no fascismo italiano e no nazismo alemão: trata-se muito mais de uma adesão efetuada pelas figuras de comando do que entre as bases. Faz-se necessário cotejar o que é escrito no *Legionário* com outras fontes, como atas, notas da imprensa, etc.

configura como um grande laboratório de articulação, diálogo e conflito entre o corporativismo católico, o varguista e o integralista.

IV

As visitas promovidas pela *Legião* às fábricas revelaram também a forma de organização dos trabalhadores. Entre os operários fabris observamos um sindicalismo por indústria. Todavia, em alguns estabelecimentos não existia qualquer tipo de associação. Nesse sentido, a *Legião* se torna um centro propulsor, estimulando a formação de sindicatos:

O operariado da Fábrica ‘Ceará Industrial’ que apesar da sua boa vontade e perfeita integração com o *Ideal Legionário* ainda não tinha conseguido se organizar, viu domingo ultimo realizado esse seu acalentado desejo, fundando-se por entre demonstrações de entusiasmo, às 11 horas, na sede do ‘Sindicato dos Operários da Fábrica Progresso’ o seu sindicato.²¹

Outra associação organizada em diálogo com a LCT e contando com seu apoio logístico foi o “*Sindicato dos Operários da Fábrica Santa Maria*”, do setor têxtil. Na ata de instalação do sindicato temos destacada a presença do líder da *Legião* à época, capitão Jeovah Motta, e outros expoentes do movimento legionário. O Chefe, presidindo a reunião, proferiu discurso “sobre a sindicalização das classes, (...), sobre o salário atual (...) e como também sobre o horário de trabalho que de acordo com a lei vigente são de 8 horas diárias e, no entanto, não está sendo obedecido pela maioria dos srs. industriais”.²² Nas atas seguintes podemos acompanhar o processo de organização do sindicato, definição das suas metas, diretrizes e regras de funcionamento. Percebemos, claramente, que ideias como a aproximação com o *Integralismo* não animava os trabalhadores²³. A *vida associativa*²⁴ possuía, portanto, uma lógica própria, não estando determinada “de fora”, pelas lideranças da LCT.

O setor têxtil concentra homens e mulheres não só no exercício laboral, mas também em posições de comando no sindicato, o que não ocorre entre os portuários,

²¹ “O operariado da fábrica ‘Ceará Industrial’ se organiza”. O *Legionário*, 08/04/1933, ano I, nº 6, p. 02.

²² *Ata da Sessão de Instalação do Sindicato dos Operários da Fábrica Santa Maria*, 04 de abril de 1933.

²³ Josenio Parente, em estudo sobre o Integralismo, já havia notado que a adesão ao Integralismo se dá muito mais entre as lideranças da LCT do que efetivamente entre as bases operárias, pouco sensibilizadas pela ideologia do sigma. (PARENTE, 1999).

²⁴ Acompanhando Claudio Batalha, consideramos importante uma investigação sobre o funcionamento das associações incorporando novas questões e perspectivas. (BATALHA, 1997).

ferroviários, sapateiros e padeiros – setores dominados por homens. Por outro lado, a presença feminina era marcante nas atividades domésticas em geral, como lavadeiras, engomadeiras, cozinheiras, etc. A “sindicalização feminina” desses setores avança: “De início serão organizadas as lavadeiras e engomadeiras, as domésticas (copeiras, amas e cozinheiras) e rendeiras. Tem havido nos bairros da capital reuniões necessárias de organização de núcleos e sub-núcleos destes sindicatos.”²⁵

Com o inquérito nas fábricas obtendo ampla repercussão, outras categorias parecem animar-se. O *Sindicato dos Sapateiros*, por exemplo, anuncia que promoveria um estudo “rigoroso a respeito das tabelas de preço nas diversas oficinas”, objetivando “acabar com os abusos e as explorações que a classe vem sofrendo”.²⁶ Outra categoria que se anima é a dos padeiros. O hábito do consumo do pão (em especial nas cidades) se expandiu nas últimas décadas do século XIX e início do XX, tornando-se um produto de primeira necessidade.²⁷ Em Fortaleza, o número de padarias cresceu, as disputas pela clientela também²⁸ e, claro, os conflitos entre trabalhadores e patrões. As animosidades entre os padeiros e os proprietários ganham ressonância, com acusações mútuas.²⁹ Os trabalhadores do porto também se articulam em um grande movimento objetivando definir regras claras sobre as horas de trabalho, salários e escalas no serviço.³⁰ O caso avança com a proposta de elaboração de um *contrato coletivo*, semelhante a chamada “*closed shop*” – controle sindical da contratação nas atividades de carga e descarga de mercadorias, o que pode ser entendido como um avanço do *controle operário* sobre as relações de trabalho.³¹

Em todos os casos observamos a decretação de greves, acompanhadas de perto pela *Legião*. Vale salientar que a ação grevista é aceita como uma arma legítima dos trabalhadores para fazer valer seus direitos, desde que “dentro da ordem e jamais com caráter violento”.³² Nesses momentos o cotidiano urbano se revela (e é afetado), seja com a interrupção do fornecimento de pão, paralisação do transporte público ou das atividades portuárias.

²⁵ “*O Ideal Legionário despertando a mulher operária*”. O *Legionário*, 13/05/1933, ano I, nº 11, p. 05.

²⁶ “*Sapateiros à postos!*”. O *Legionário*, 25/03/1933, ano I, nº 04, p.02.

²⁷ (ALENCASTRO e RENAUX, 1997: 304 – 306).

²⁸ Uma consulta nos Almanques permite identificar o crescimento das padarias (localização, estrutura, etc.) e também um pouco do uso da propaganda (anúncios) na disputa de mercado.

²⁹ O Povo, 27/11/1933; O *Legionário*, 04/11/1933, ano I, nº 36.

³⁰ Muitas casas comerciais eram envolvidas e interessadas no embarque e desembarque de mercadorias, bem como o Governo, por tratar-se de um setor estratégico.

³¹ Semelhante ao que foi estudado por Fernando Teixeira para a comunidade portuária de Santos. (SILVA, 2003).

³² “*Organização legionária*”. O *Legionário*, 11/03/1933, ano I, nº 02, p. 05.

Importante destacar que a *Legião* vivenciou reviravoltas, ligadas essencialmente às transformações no contexto político da época e pela sua dinâmica interna. Uma dessas reviravoltas ocorreu quando do exílio de Severino Sombra³³, por ter apoiado a Revolta Paulista de 1932. Curioso notar que não foi seguido pelos demais expoentes da *Legião* e nem pelas diversas categorias operárias. Tal mudança não significou um decréscimo nas atividades da *Legião*, ao contrário. Entre 1932 e 1934 temos o período de maior atividade dos grupos de trabalhadores ligados à LCT. Temos a greve dos trabalhadores na *Light* (1932), em 1933 os tecelões se movimentam, animados pelo inquérito promovido nas fábricas. Sapateiros, padeiros, portuários e ferroviários entram em cena promovendo importantes lutas, articulando demandas específicas e questões relacionadas à legislação trabalhista. Período intenso e rico de experiências para a classe trabalhadora. Tais fatores nos ajudam a entender que a LCT não era dependente de sua liderança. Que nem sempre o Chefe Legionário era seguido pelas “massas” e que os trabalhadores podiam seguir e direcionar a *Legião* – até certo ponto – conforme seus anseios e interesses.

Referências bibliográficas:

ALENCAR, Eusébio Mota de. *Dona Lima, a curandeira*. 2ª ed. Fortaleza: A Fortaleza, 1965.

ALENCASTRO, Luís Felipe de. e RENAUX, Maria Luiza. Caras e modos dos migrantes e imigrantes. In: *História da Vida Privada no Brasil, Império: a Corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. Vida Associativa: por uma nova abordagem da história institucional nos estudos do movimento operário. In: *Anos 90*. Porto Alegre, nº 08, 1997.

CARNEVALI, Emília. *O homem no espelho: reflexões sobre a dissidência integralista de Severino Sombra*. São Paulo, 2006. Dissertação de Mestrado em História Política. Pontifícia Universidade Católica. (PUC-SP)

³³ Emília Carnevali se debruçou sobre a figura de Severino Sombra, destacando sua formação católica e sua trajetória política. A autora destacou a fundação da *Legião* e a atuação de Sombra em vários eventos significativos, como sua adesão à “causa paulista”, quando da Guerra de 1932; seu período no exílio e a disputa pela liderança da AIB; seu afastamento tanto do Integralismo quanto da LCT, com a fundação de um novo movimento (a *Campanha Legionária*). A autora ainda pontua divergências de Sombra com Plínio Salgado e suas críticas aos rumos da AIB. (CARNEVALI, Emília, 2006).

- FRENCH, John. *Afogados em Leis: a CLT e a cultura política dos trabalhadores brasileiros*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOMES, Ângela de Castro. *Cidadania e Direitos do Trabalho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GONÇALVES, Adelaide. *Ceará Socialista: anno 1919*. (edição fac-similar) Florianópolis: Insular, 2001.
- LIMA, Ana Cristina Pereira. “*Obreiros Pacíficos*”: o Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José (Fortaleza, 1915 – 1931). Fortaleza, 2009. Dissertação de Mestrado em História Social – UFC.
- LUCA, Tânia Regina de. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.) *Fontes históricas*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- PARENTE, Eduardo Oliveira. *Operários em Movimento: a trajetória de luta dos trabalhadores da Ceará Light (1917 – 1932)*. Fortaleza, 2008. Dissertação de Mestrado em História Social. Universidade Federal do Ceará (UFC).
- PARENTE, Josênio Camelo. *Anauê – os camisas verdes no poder*. Edições UFC, 1999.
- PROST, Antoine e VINCENT, Gérard.(org.) *História da Vida Privada, 5: da Primeira Guerra a nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SILVA, Fernando Teixeira da. *Operários sem patrões: os trabalhadores na cidade de Santos no entreguerras*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- SOMBRA, Severino. *O Ideal Legionário*. Fortaleza: Tipografia Gadelha, 1931.
- THOMPSON, Edward. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. 3 vols. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.